

Currículo e competências^{1 2}

Domingos dos Santos da Silva Bengo

Introdução

Pensar currículo é controverso. É como o amor: todo mundo ama. Mas quando chega a hora de nos inquirirmos a respeito de tal sentimento, o mundo não sabe teorizá-lo. Mas é da teorização dos conceitos que surgem os planos de ação pedagógicos.

Um velho adágio popular, não muito distante daquele que Trotsky empreendera, apelamos a se reconhecer no outro, “queres conhecer a própria casa, vá antes à casa do outro”. Eis a artimanha do destino.

A universidade pretendeu me fazer conhecer o sistema de ensino angolano mediante o estudo analítico, crítico e cínico dos sistemas de ensino brasileiro e português, respetivamente. Julgou, assim, que o coração da lusofonia me instruisse a respeito da minha própria realidade académica. Porém, o destino foi oportuno, fez-me vivenciar, pelo menos em parte, o sistema de ensino anglófono. Este confronto metodológico entre currículo lusófono e currículo anglófono só pôde parir uma síntese: o sistema de ensino angolano é uma completa desilusão para a anglofonia e uma dolorosa vergonha para a lusofonia. Primeiro, porque esse sistema de ensino permite o monopólio das tomadas de decisão em matéria de educação, colocando os atores envolvidos no processo, à margem de assuntos de seu interesse, e a seguir por não haver pretensão, por parte dos atores de nível macro da política de educação de melhorar o panorama académico atual.

Essas conclusões não me merecem senão repugnância, e um crescente desejo – (...) vontade, (...) de potência.

Longe de ensaiar uma perspectiva curricular própria, que se adeque aos anseios do angolano em matéria de educação, o presente texto não é senão uma mera recensão crítica da

¹ JONNAERT, Philippe; ETTAYEBI, Moussadak; DEFISE, Rosette. **Currículo e Competências**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

² **Mini Curriculum** - Philippe Jonnaert é professor na Universidade de Québec; Moussadak Ettayebi é pesquisador no observatório das Reformas em Educação (**ORE**), Universidade de Québec; e Rosette Defise é Professora na Universidade de Sherbrooke.

obra Currículo e Competências de Philippe Jonnaert, Moussadak Ettayebi e Rosette Defise. Esse texto, sim, sugere uma nova abordagem curricular, aquela que valoriza a Interação no processo de ensino-aprendizagem.

Inicialmente, a preocupação dos educadores estava em garantir o acesso à educação e quantificar os indicadores de desempenho para o sistema escolar. Nos dias de hoje, portanto, a principal questão está na qualificação tanto do corpo docente quanto do currículo, principalmente no que se refere à qualidade das formações.

Assim, para viabilizar a medicação dessas enfermidades curriculares, os especialistas estruturam essa obra cirúrgica, por assim dizer, em duas partes: a primeira parte trata do conceito de currículo, sugere uma definição e aponta certas características bem como suas funções; a segunda parte analisa o campo semântico da noção de competência.

No âmbito da disciplina de Estrutura e Funcionamento do Ensino Angolano, o texto em abordagem pretende introduzir ao estabelecimento de linhas de ação pedagógica.

ENFOQUES

Enfoque principal

- **Enfoque didático-pedagógico**

A corrente de reformas que anima os sistemas educativos em todo mundo, longe de supor um contexto mundial de renovação dos sistemas educativos, revela a arrogância e pequenez de certos governos, embora não fosse nenhum exagero dizer dos governos. Um governo, porém, que valoriza as lições da história não se deixa precipitar em precipícios que equivocaram seus antecessores. A não ser, claro, que seja vítima do complexo de Freire, como muitos governos, modestamente falando, ainda o são.

Já foi costume dentre os poderosos, em tempos idos, monopolizar o saber, gerir a ignorância de seus semelhantes, na esperança de mais facilmente conduzir seus destinos. Essa pretensão, contudo, não pariu senão dois grandes males, um dos quais corroeu a nossa época. O primeiro refere-se a uma questão de grandeza, (...) honra - um governante que inibe o pensamento de seus cidadãos para dirigir corpos inanimados é tão decadente, cobarde, arrogante e fraco como um homem que dopa uma senhorita para assim desbravar seu solo desconhecido, pois revela sua incapacidade de governar espíritos libertos; e o segundo refere-se ao caos em que se encontra a

nossa época, época em que o monopólio do conhecimento já não faz nenhum sentido, pois governar homens cômicos de seus limites e possibilidades revela-se mais fácil, justo, virtuoso, elevado e lucrativo do que guiar corpos vazios.

“o caos é necessário à ordem”

Este panorama, sim, de problematização e transformação do fundamento de todo um sistema educativo em detrimento dos anseios da nova ordem merece a atenção dos pesquisadores do ORE – **Observatório das Reformas em Educação**.

Assim, ao resolver um problema conceitual, os pesquisadores do ORE pretendem devolver à escola sua tarefa inicial, pelo menos ao nível ideológico, “preparar o cidadão para a vida social”. Essa tarefa não é devesas fácil, uma vez que preparar o indivíduo para a vida social significa dar-lhe as ferramentas para que seja socialmente útil. Ora, ser socialmente útil é contribuir para a manutenção da espécie. Isso se consegue através do trabalho, da reprodução e de uma convivência saudável entre os diferentes organismo que constituem a natureza. Não pregamos aqui a harmonia (no sentido tradicional) entre diferentes espécies, quer de plantas quer de animais, e sim a consciência de que longe de ser exterior a ela, o homem está contido na natureza, logo não pode existir fora dela. Obviamente a escola fracassou nessa tarefa. Pois, não forma indivíduos autônomos, capazes de liderarem-se a si mesmos e aos outros, não forma quadros capazes de responder a demanda do mercado de trabalho, não devolve às sociedades cidadãos éticos e moralmente sadios, por fim, ela não forma nem Êmiles nem Sofias, para a desilusão de Rousseau e do mundo, que desaba sobre as nossas cabeças a cada segundo.

Um país, portanto, interessado em sair da crise global em que o mundo se encontra mergulhado, traça novos paradigmas para a substituição e transformação daqueles em decadência e através da escola faz deles uma nova visão cosmológica, pois dela dependem todas as formas de vida humana. É para esses povos, ávidos de se reposicionarem no mundo, que o texto em abordagem é dirigido.

Essa abordagem conceitual é, antes de mais nada, didático-pedagógica, se considerarmos que os autores pretendem começar por solidificar tanto para o currículo como para as competências noções e conceitos sem equívocos, e daí erigir uma nova realidade curricular capaz de fazer do sistema educativo um verdadeiro veículo de preparação do indivíduo para a vida social, útil, pacífica e autônoma.

Vejamos essa trama conceitual;

O currículo é mais vasto que os programas de ensino e os inclui. Estes se limitam normalmente a um domínio de aprendizagem e constituem apenas um dos elementos dentre os demais do currículo. São esses currículos que, atualmente, estão sendo trabalhados em vários países (JONNAERT et alii 2010, p. 11).

O esclarecimento dessa trama curricular permite pesquisadores e outros atores da educação partirem de pontos comuns e assim traçarem linhas de ação pedagógicas sem equívocos. Pois as reformas curriculares, ao passarem por modificações consideráveis, acarretam um impacto estruturante sobre os sistemas educativos e sobre seus componentes. Essa consequência do currículo, quando muito bem elaborado, é o que se pretende para a materialização da nova ordem.

ENFOQUES SECUNDÁRIOS

- **Enfoque Psicossociológico**

Todos os filósofos da contemporaneidade proclamam com unanimidade; assistimos a uma sociedade de conhecimento. Eu, porém, notando desde o alvorecer que o pensamento ainda não está presente nessa nossa sociedade, não muito diferente de muitas outras que a precederam, percebo, e comigo vocês outros, que não se pode dizer tamanha asneira. Pois, ao que assistimos, é certamente, uma sociedade de informação.

Longe de supor um contexto de liberdade intelectual, e conseqüentemente o usufruto do bem mais precioso de que os humanos são capazes, “que é a razão”, as conclusões da cidadania denunciam a incapacidade de adaptabilidade dos cidadãos da nossa época, salvo, raras exceções.

Para os autores, a escola de hoje, tomada no turbilhão da era da informática, não é mais aquela da revolução industrial do século XIX. Imediatamente, uma nova fratura ocorre entre aqueles que se beneficiam das múltiplas potencialidades das redes informatizadas e aqueles que não podem ter acesso a elas. Os especialistas na matéria evocam uma fratura numérica. Trata-se de um fosso cada vez maior entre aqueles que tiram proveito das novas tecnologias da informação e da comunicação (TIC), com as competências para utilizá-las, e aqueles que não têm acesso a elas ou que não conseguem usá-las eficazmente (Jonaert P. et alii, p. 23, apud Bindé,

2005). Em nossas sociedades contemporâneas, implicadas na efervescência da revolução numérica, uma quantidade considerável de informações e de saberes é desde então acessível por meio das principais mídias. Porém, a capacidade de acesso, de tratamento e de assimilação dessa onda de informações e de saberes é desigual conforme os grupos sociais e os países. Essa fratura numérica provoca uma segunda; a fratura cognitiva, já que uma face importante do saber veiculado pelas TIC não é acessível a todos. Essa dupla fratura, numérica e cognitiva, é uma constante alarmante que impõe à escola seus desafios mais escangalhadores, pois a obriga a rever seus fundamentos.

Os autores apresentam algumas questões à escola, que são, na verdade, um caminho seguro para sua superação. Numa palavra, exige-se uma mudança radical de paradigmas. Em síntese, apresentamos uma lista não exaustiva dessas questões postas à escola:

- A escola precisa superar o dualismo cartesiano: sugerimos a abordagem das inteligências múltiplas ou o modelo Voltairino, por assim dizer;
- A escola precisa mudar sua concepção comtiana das disciplinas escolares;
- A escola precisa se distanciar da concepção que fragmenta e encerra conteúdos de aprendizagem: ela deve superar o modelo fordista e unificar os conteúdos de aprendizagem significativamente;
- A escola deve dispor de instrumentos que permitirão aparelhar os alunos para enfrentar os mil e um perigos de uma evolução tecnológica em constante crescimento.

Ou seja, não é uma questão de ensinar bem os velhos conteúdos de aprendizagem; agora, trata-se de armar o aluno com o poder do discernimento. A escola deve contribuir significativamente para a garantia ao acesso e tratamento da informação.

- **Enfoque Sociológico**

Não basta evocar situações vagamente, deve-se identificar aquelas que serão pertinentes para as aprendizagens e significativas para os alunos. Como levar realmente para a sala de aula essas situações para que os alunos desenvolvam competências para tratar suas situações de vida? A escola trabalha em círculo fechado. “Ela não perde muito tempo para ver o que as pessoas têm necessidade e, sobretudo, do que terão necessidade na vida. Do que estão atualmente munidas ou

privadas? Será que elas têm a bagagem necessária para enfrentar a complexidade do mundo?” (Jonaert P. et alii, p. 73, apud Perrenoud, 2003, p. 19).

Trata-se então de reformular um paradigma para a educação que permita integrar o conjunto dos quadros que garantem as bases de uma competência, como propõe a trama conceitual da noção de competência. Esse paradigma pretende reintroduzir nas salas de aula o sentido das aprendizagens para que os alunos construam conhecimentos e desenvolvam competências.

Esta abordagem da trama conceitual da noção de competência pretende dar ao currículo um objectivo mais comprometido com a realidade social e com a sociedade em si. Assim, não pode haver sujeitos competentes, senão tratamento competente de uma ou varias situações.

PONTOS POSITIVOS DA OBRA

- **Sobre a apresentação dos principais elementos do currículo**

Ao apresentar de forma não exaustiva os principais elementos de um currículo, os autores estão concedendo à obra em abordagem sua aplicabilidade maior, a bem dizer, o que resulta, por parte do leitor, numa aprendizagem significativa.

Não obstante, a apresentação, ainda que sintetizada, das fases de planificação de uma reforma curricular e, por isso mesmo educativa, reserva à obra um elevado carácter deveras pragmático. Essa superação da redundante teorização dos conceitos é já um plano de ação pedagógico, grosso modo, nada exaustivo, para o leitor sedento de empreender suas pesquisas no campo educacional. Assim mesmo, entende-se que as fases de planificação de uma reforma curricular, longe de serem redundantes detêm uma complexidade que exige dos atores envolvidos rígidas competências conforme seus lugares de decisão.

- **Sobre a harmonia dos saberes**

Com relação às cinco funções para um currículo, os autores sugerem que ele deve permitir o desenvolvimento e a formação das pessoas em harmonia com seu meio social, histórico, religioso, cultural, económico, geográfico, linguístico e demográfico (Jonaert P. et alii, p. 44).

Essa pretensão é um caminho seguro para construção da cidadania, uma vez que se os

diferentes saberes divergem ideológica e empiricamente, corremos o risco de mergulhar nossos jovens e crianças num pântano de incertezas, dúvidas e indecisões, mergulhando-os num oceano de mediocridades.

- **Sobre o estilo e linguagem dos autores**

Sempre que lido com textos não me esqueço de dedicar especial atenção à narrativa, pelo menos do ponto de vista estilístico. Esses recursos estilísticos são já como que, encantamentos, que saqueiam a atenção do leitor para as páginas. Este efeito Currículo e Competências soube granjear, pois seus autores souberam forjar uma escrita estilisticamente linda e deveras engraçada (divertida). É raro permitir escapar um sorriso tratando-se de uma tese bastante metodológica e racional, em que o espaço para o humor é quase que blasfêmia, mas, entretanto, a obra resenhada revela-se uma das poucas exceções à regra redaccional. Ela me lembra o famoso adágio infantil, “aprender brincando”.

PONTOS NEGATIVOS DA OBRA

- **Sobre pesquisas complementares**

A ironia dessa obra reside no facto de que ela em si não se completa. Ela exige do leitor diversas pesquisas complementares e uma capacidade de observação muito bem apurada.

Não vejo nenhum mal nessa característica da obra. Ela é dinâmica, tão dinâmica como sua própria essência metodológica, e pretende sujeitar a educação a essa sua flexibilidade, que é, de facto, uma regra de sobrevivência num mundo em constantes mutações.

Conclusão

O turbilhão de escolas privadas, público-privadas e privatizadas que asfixia o panorama académico nacional só denuncia o enfraquecimento, não a fraqueza, da escola pública. Porém, esse enfraquecimento não é deveras inexorável, se considerarmos que a força da escola privada reside na fraqueza da escola pública.

A causa da Escola da Ponte, em Portugal, é já uma afirmativa coerente de que é forçoso devolver a hegemonia da escola pública. Devemos abraçar a sua causa.

A luta da escola contemporânea passa necessariamente pelos velhos Golias da educação, porém delimita o espaço propício para a batalha final. Esta certeza gerou o caos, e do caos emerge inexoravelmente um novo modelo de homem – o Zaratustra, e dele desprenderá o próximo estágio da evolução humana. Não será o humanoide que empreenderá tamanha obra, não! O advento da era do conhecimento é obra de Zaratustra.

As conclusões das demandas por educação não podem desvincular-se da causa do materialismo dialético nem ignorar a especulação metafísica. Pois se trata de identificar e instaurar novas formas de sobrevivência, das quais dependem a manutenção e preservação da espécie. Isso só será possível se as reformas educativas forem capazes de reformar, a partir da educação, toda esfera social, o que exige, primeiramente, a institucionalização de novos modelos interpretativos ou paradigmas, a partir dos quais podemos estabelecer um novo elo de relacionamento com a vida.

A obra resenhada é já uma proposta segura para se redefinir adequadamente, para o momento presente, os caminhos da educação, de modo que a vida escolar, sendo longa, possa ser feliz, atrativa e incluyente.

Para tanto, os destinos da escola devem ser tarefa de toda a sociedade civil, e não circunscritos a uma minoria elitista, que fragmenta, deturpa e manipula o conhecimento, instrumento fundamental para a conquista do direito à cidadania.

Assim, o texto apresentado alcança a plenitude dos objectivos preconizados, embora grande parte de sua força motriz dependa da dinâmica do próprio leitor. Esta obra é especialmente dirigida a pessoas que se interessam por Educação, sejam professor, aluno ou consultor. Todos poderão encontrar conhecimentos básicos para poder pensar a Educação.

Domingos dos Santos da Silva Bengo - American World University
- AWU/LAD. Angola | Luanda | Africa. Contato:
domingosbengo90@gmail.com